

JANE
AUSTEN
E
CHARLOTTE
BRONTË

Juvenília

Tradução de
JULIA ROMEU

Organização, introdução e notas de
FRANCES BEER



Copyright da introdução e das notas © 1986 by Frances Beer
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

The Juvenilia of Jane Austen and Charlotte Brontë

PREPARAÇÃO

Lígia Azevedo

REVISÃO

Carmen T. S. Costa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Austen, Jane, 1775-1817.

Juvenília / Jane Austen e Charlotte Brontë ; tradução de Julia Romeu. — 1^a ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

Título original: The Juvenilia of Jane Austen and Charlotte Brontë.

ISBN 978-85-63560-91-9

1. Ficção inglesa I. Brontë, Charlotte. II. Beer, Frances. III. Título.

13-09692

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção: Literatura inglesa 823

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução—FRances Beer	7
Nota da organizadora	39
JANE AUSTEN	43
VOLUME PRIMEIRO	45
Frederic e Elfrida	45
Jack e Alice	53
Edgar e Emma	71
Henry e Eliza	74
As aventuras do sr. Harley	81
Sir William Mountague	81
As memórias do sr. Clifford	83
A bela Cassandra	85
Amelia Webster	88
A visita	90
O mistério	96
As três irmãs	98
Um fragmento	113
Ode à piedade	113
VOLUME SEGUNDO	115
Amor e amizade	115
Uma coleção de cartas	150

VOLUME TERCEIRO	160
Catharine, ou O caramanchão	160
 CHARLOTTE BRONTË	 211
 PARTE I: ORIGENS DE ANGRIA	 213
A história do ano	213
Duas histórias românticas	215
 PARTE II: MARIAN VERSUS ZENOBLA	 231
Personalidades de homens ilustres	231
Albion e Marina	233
As rivais	246
As núpcias	252
Zenobia e Rogue	263
 PARTE III: MARY	 268
Folheando um livro ilustrado	268
Minha Angria e os angrianos	275
Zamorna denuncia Northangerland diante do Parlamento	292
O exílio de Zamorna	295
A volta de Zamorna	306
 PARTE IV: MINA	 322
Mina Laury	322
 PARTE V: ELIZABETH	 360
Henry Hastings	360
Adeus a Angria	441
 <i>Notas</i>	 443
<i>Outras leituras</i>	469

Volume Primeiro

Para a srta. Lloyd¹

Minha querida Martha,

Como humilde prova da gratidão que sinto por sua recente generosidade em debruuar meu casaco de musselina, peço a licença de lhe oferecer esta pequena produção de sua sincera amiga,

a autora.

Frederic e Elfrida

Um romance

CAPÍTULO PRIMEIRO

O tio de Elfrida era o pai de Frederic; em outras palavras, eles eram primos de primeiro grau por parte de pai.

Tendo ambos nascido no mesmo dia e estudado na mesma escola, não é de admirar que houvesse entre eles mais do que simples cortesia. Amavam-se com mútua sinceridade, mas estavam ambos determinados a não transgredir as regras do decoro admitindo sua afeição nem para o objeto dela nem para qualquer outra pessoa.

Frederic e Elfrida eram extraordinariamente belos e tão

parecidos que nem todos conseguiam saber quem era quem. Não, até seus amigos mais íntimos só sabiam distingui-los pelo formato do rosto, a cor dos olhos, o comprimento do nariz e a diferença do tom de pele.

Elfrida tinha uma grande amiga para quem escreveu a seguinte carta enquanto esta visitava uma tia.

Para a srt. Drummond

“Querida Charlotte,

Eu ficaria agradecida se, durante sua visita à sra. Williamson, você me comprasse um chapéu novo que esteja na moda e que combine com o tom de pele da sua

E. Falknor”

Charlotte, cuja principal característica era uma vontade de agradar a todos, trouxe para a amiga o desejado chapéu quando voltou para o campo, e assim terminou essa pequena aventura, para satisfação de todos os envolvidos.

Ao retornar a Crankhumdunberry (doce vila da qual seu pai era pároco), Charlotte foi recebida com a maior alegria por Frederic e Elfrida, que, após terem apertado-a alternadamente contra o peito, sugeriram um passeio por uma alameda de choupos que ia da casa do pároco até um gramado verdejante, ornado por uma variedade de flores variegadas e regado por um riacho gorgolejante, trazido do vale do Tempé por uma passagem subterrânea.²

Nessa alameda, haviam permanecido pouco menos de nove horas quando subitamente tiveram a agradável surpresa de ouvir uma voz deliciosa chilreando os seguintes versos.

Canção

Que Damon estava apaixonado por mim
Achei ter acreditado;

Mas agora sei que não era assim,
E temo ter me enganado.

Assim que terminaram os versos, uma curva na alameda permitiu que os três vissem duas elegantes jovens de braço dado que, ao percebê-los, imediatamente tomaram um caminho diferente e desapareceram de vista.

CAPÍTULO SEGUNDO

Como Elfrida e seus companheiros haviam observado as duas jovens bem o suficiente para saber que não eram nem as srtas. Green nem a sra. Jackson e sua filha, não puderam deixar de expressar sua surpresa com aquele encontro; até que, lembrando que uma nova família havia pouco se mudara para uma morada não longe da alameda, correram de volta para casa, determinados a não perder tempo em serem apresentados para duas moças tão afáveis e dignas que imaginaram, com razão, fazer parte da tal família.

Concordando em tal determinação, os três foram aquela tarde mesmo cumprimentar a sra. Fitzroy e suas duas filhas. Quando o criado os levou até uma elegante sala de estar ornamentada com festões de flores artificiais, eles ficaram impressionados com o aspecto atraente e a aparência bela de Jezalinda, a mais velha das irmãs; mas, após terem ficado sentados ali alguns minutos, a inteligência e os encantos que resplandeciam na conversa da afável Rebecca os enfeitiçaram tanto que todos deram um salto e exclamaram ao mesmo tempo,

“Adorável e fascinante dama, apesar de sua terrível vesguice, seu cabelo sebento e sua gigantesca corcunda, tão medonhos que a imaginação não pode conceber nem a pena descrever, não posso deixar de expressar meu deleite com as qualidades cativantes de sua mente, que compensam tão amplamente o horror que deve sentir todo visitante desavisado que a contempla pela primeira vez.

“Seus sentimentos tão nobremente expressados sobre as diferentes excelências da musselina Indiana e da ingle-sa, e a judiciosa preferência que dá à primeira, fizeram nascer em mim uma admiração da qual só posso dar uma ideia adequada assegurando-lhe que ela é quase igual à que sinto por mim mesmo.”

Então, fazendo uma profunda mesura para a afável e desconcertada Rebecca, eles saíram da sala e correram para casa.

A partir daí, a intimidade das famílias Fitzroy, Drummond e Falknor aumentou diariamente, até que afinal atingiu um nível tal que eles não tinham escrúpulos em chutar uns aos outros janela afora à menor provocação.

Durante esse feliz estado de harmonia, a mais velha srta. Fitzroy fugiu com o cocheiro, e a afável Rebecca foi pedida em casamento pelo capitão Roger de Buckinghamshire.

A sra. Fitzroy não aprovava a união devido à pouca idade do jovem casal, pois Rebecca tinha apenas trinta e seis anos e o capitão Roger, pouco mais que sessenta e três. Para que não houvesse objeção, eles concordaram em esperar um pouco até estarem bem mais velhos.

CAPÍTULO TERCEIRO

Nesse meio-tempo, os pais de Frederic propuseram aos pais de Elfrida a união dos dois, que foi aceita com prazer, e, após o enxoval ser comprado, nada mais restava a não ser decidir a data.

Quanto à adorável Charlotte, após ser ansiosamente importunada para fazer outra visita à sua tia, decidiu aceitar o convite e, por isso, andou até a casa da sra. Fitzroy para se despedir da afável Rebecca, a quem encontrou rodeada de base, pó, brilhantina e pintura, com os quais estava em vão tentando remediar a feiura natural de sua face.

“Vim, minha afável Rebecca, me despedir de você pelo período de duas semanas que passarei na casa da minha tia. Acredite, essa separação me é dolorosa, mas tão necessária quanto a tarefa que neste momento a ocupa.”

“Para lhe dizer a verdade, querida”, respondeu Rebecca, “nos últimos tempos meti na cabeça a ideia (talvez falsa) de que minha pele não é de forma nenhuma tão bela quanto o resto de meu rosto e, portanto, como vê, passei a usar maquiagem branca e vermelha, que desprezaria em qualquer outra ocasião, pois detesto artifícios.”

Charlotte, que compreendeu perfeitamente o significado da fala de sua amiga, era doce e cortês demais para recusar o que sabia que ela desejava — um elogio; após fazê-lo, elas se despediram, sentindo a maior das afeições uma pela outra.

Com o coração pesado e os olhos jorrando lágrimas, Charlotte entrou no belo veículo que a levou para longe de seus amigos e de sua casa; e, estando tão triste, mal parou para pensar na maneira estranha e diferente como retornaria.

Após chegar à cidade de Londres, que era o local onde morava a sra. Williamson, o cocheiro, cuja burrice era inacreditável, declarou, e declarou sem a menor vergonha ou remorso, que, como isso jamais lhe fora informado, não tinha a menor ideia de para que parte da cidade deveria se dirigir.

Charlotte, cuja principal característica, como já sugerimos, era um ardente desejo de agradar a todos, com grande condescendência e bom humor, disse que ele deveria levá-la a Portland Place, o que o cocheiro fez; e Charlotte logo se viu nos braços de uma tia que gostava muito dela.

Elas mal haviam se sentado da forma carinhosa de sempre, apertadas na mesma cadeira, quando a porta foi subitamente aberta e um velho cavalheiro com um rosto amarelado e um casaco cor-de-rosa puído se atirou aos pés da adorável Charlotte, em parte de propósito e

em parte devido a uma fraqueza, declarando sua afeição por ela e suplicando da maneira mais tocante que sentisse compaixão por ele.

Sem conseguir causar a infelicidade de qualquer pessoa, Charlotte consentiu em se tornar sua esposa; então o cavalheiro deixou a sala e tudo ficou tranquilo.

A tranquilidade, no entanto, continuou por pouco tempo, pois a porta se abriu pela segunda vez e um cavalheiro jovem e bonito com um casaco azul novo entrou e implorou que a adorável Charlotte permitisse que ele a cortejasse.

Havia algo na aparência do segundo estranho que influenciou Charlotte a seu favor, tanto quanto houvera na aparência do primeiro; ela não soube explicar o quê, mas foi assim que aconteceu.

Após Charlotte (já que a ideia lhe agradava e era de sua natureza desejar deixar todos felizes) ter prometido se tornar sua esposa na manhã seguinte, ele se despediu, e as duas damas jantaram uma lebre, duas perdizes, três faisões e uma dúzia de pombos.³

CAPÍTULO QUARTO

Foi só na manhã seguinte que Charlotte lembrou que ficara noiva de dois homens; mas, quando isso aconteceu, refletir sobre sua insensatez prévia causou uma impressão tão forte em sua mente que ela decidiu ser culpada de insensatez ainda maior e, com esse propósito, atirou-se num riacho profundo que cruzava o jardim de sua tia em Portland Place.

Charlotte boiou até Crankhumdunberry, onde foi apanhada e enterrada; o seguinte epítáfio, escrito por Frederic, Elfrida e Rebecca, foi gravado em sua lápide.

Epitáfio

Aqui jaz nossa amiga, que após prometer

Se casar com dois homens diferentes
Atirou toda a beleza de seu ser
No riacho da casa de seus parentes.

Esses doces versos, tão patéticos quanto belos, jamais foram lidos por qualquer pessoa que passou por ali sem uma inundação de lágrimas e, se deixarem de causar a mesma reação em você, leitor, é porque não tem uma mente digna deles.

Tendo feito esta última homenagem à amiga desaparecida, Frederic e Elfrida, junto com o capitão Roger e Rebecca, voltaram à casa da sra. Fitzroy, a cujos pés se atiraram ao mesmo tempo, dirigindo-se a ela com as seguintes palavras.

“Senhora: quando o doce capitão Roger pediu a mão da afável Rebecca, apenas a senhora se opôs à união, devido aos poucos anos dos dois. Não será mais possível argumentar isso, já que se passaram sete dias, assim como passou desta a adorável Charlotte, desde que o capitão abordou-lhe para falar do assunto.

“Portanto, senhora, consinta na união deles; como recompensa, essa garrafinha de sais que tenho na mão direita será sua e sua para sempre; jamais a retomarei. Mas, se a senhora se recusar a uni-los daqui a três dias, essa adaga que tenho na mão esquerda ficará encharcada com o sangue de seu coração.

“Fale, senhora, e decida o destino deles e o seu.”

Uma persuasão tão gentil e doce não poderia deixar de ter o efeito desejado. A resposta que eles receberam foi essa.

“Meus queridos jovens amigos: os argumentos que usaram são justos e eloquentes demais para serem contraditos; Rebecca, daqui a três dias você se unirá ao capitão.”

Essa fala, que não poderia ter sido mais satisfatória, foi recebida com alegria por todos; e, com a paz restaurada, o capitão Rogers pediu que Rebecca lhes concedesse

a graça de uma canção; para atender ao pedido, após ter lhes assegurado que estava com um resfriado terrível, ela cantou o seguinte.

Canção

Quando Corydon foi à feira
Comprou para Bess uma fita,
Ela a prendeu na cabeleira
E ficou muito catita.⁴

CAPÍTULO QUINTO

Passados três dias, o capitão Roger e Rebecca se uniram e, imediatamente após a cerimônia, saíram de carroça para a propriedade dele em Buckinghamshire.

Os pais de Elfrida, embora desejassem muitovê-la casada com Frederic antes de morrerem, sabiam que a natureza delicada da moça mal podia suportar esforços e, julgando acertadamente que marcar a data de seu casamento seria exaustivo demais, evitaram pressioná-la.

Semanas e quinzenas voaram sem o menor avanço; o enxoval saiu de moda; e finalmente o capitão Roger e Rebecca chegaram para visitar a sra. Fitzroy e apresentar a ela sua linda filha de dezoito anos.

Elfrida, que achava que seus antigos conhecidos estavam ficando velhos e feios demais para continuar a ser agradáveis, ficou radiante ao saber da chegada de uma menina tão bonita quanto Eleanor, com quem decidiu formar a mais profunda amizade.

Mas ela descobriu que a felicidade que esperava da intimidade com Eleanor não ocorreria, pois não apenas sofreu a mortificação de se ver sendo tratada por esta quase como uma velha, como também teve o horror de perceber uma paixão crescente no peito de Frederic pela filha da afável Rebecca.

No instante que teve a primeira suspeita de tal afeição,

Elfrida foi correndo ter com Frederic e, de forma realmente heroica, tartamudeou para ele sua intenção de se casar no dia seguinte.

Para um homem na mesma situação que possuísse menos coragem pessoal que Frederic, aquela informação teria sido a morte; mas ele, sem um pingo de pânico, respondeu ousadamente,

“Diabo, Elfrida, *você* pode se casar amanhã, mas *eu* não.”

Essa resposta causou em Elfrida uma aflição forte demais para alguém tão delicado. Assim, ela desmaiou, e estava com tanta pressa de ter uma sucessão de desmaios que mal teve paciência para se recuperar de um antes de ser acometida por outro.

Embora diante de qualquer ameaça à sua vida ou à sua liberdade Frederic fosse corajoso como um leão, em outros respeitos seu coração era mole como o algodão e, assim que ouviu falar da situação perigosa de Elfrida, ele correu para ela; e, encontrando-a melhor do que esperava, uniu-se à moça para sempre...

Finis

Jack e Alice,

Um romance,

é respeitosamente oferecido ao sr. Francis William Austen,⁵ aspirante no navio de sua majestade, o *Perseverance*, por sua humilde e obediente criada,

a autora.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Era uma vez um certo sr. Johnson que tinha cerca de cinqüenta e três anos; doze meses depois, passou a ter cinqüenta e quatro, o que o deixou tão deliciado que decidiu celebrar seu próximo aniversário dando um baile de

máscaras para seus filhos e amigos. Assim, no dia em que completou cinquenta e cinco anos, foram enviados convites para todos os seus vizinhos com esse propósito. Seus conhecidos naquela parte do mundo na verdade não eram muito numerosos, pois consistiam apenas de Lady Williams, o sr. e a sra. Jones, Charles Adams e as três srtas. Simpson, que compunham toda a vila de Pammydiddle e formaram os convidados do baile de máscaras.

Antes que eu passe a relatar como foi a festa, será apropriado descrever para meu leitor a aparência física e a personalidade das pessoas que acabei de apresentar.

O sr. e a sra. Jones eram ambos bastante altos e muito irritadiços, mas com exceção disso eram pessoas de bom temperamento e bom comportamento. Charles Adams era um jovem afável, talentoso e encantador, de beleza tão deslumbrante que apenas as águias podiam olhar para seu rosto.

A mais velha srt. Simpson tinha a aparência, as maneiras e o temperamento adoráveis; uma ambição sem limites era seu único defeito. A irmã do meio, Sukey, era invejosa, rancorosa e maliciosa. Em aparência, era baixa, gorda e feia. Cecilia (a mais nova) era perfeitamente bonita, mas afetada demais para ser agradável.

Lady Williams possuía todas as virtudes que existem. Era uma viúva com uma bela fortuna e os vestígios de um belíssimo rosto. Embora fosse benevolente e cándida, era generosa e sincera; embora fosse pia e bondosa, era religiosa e afável; e, embora fosse elegante e divertida, era polida e alegre.

Os Johnson eram uma família amorosa e, embora fossem um pouco viciados em álcool e dados, tinham muitas boas qualidades.

Esses eram os convidados reunidos na elegante sala de estar de Johnson Court, e entre eles havia alguém com uma máscara de sultana que era a mais bela das mulheres. Dos homens, uma máscara representando o sol foi a mais universalmente admirada. Os raios que saíam de seus olhos

eram como aqueles do glorioso astro, só que infinitamente superiores. Eram tão fortes que ninguém se aventurava a chegar a oitocentos metros deles; e o rapaz tinha, portanto, a maior parte do cômodo só para si, já que suas dimensões não eram mais do que mil e duzentos metros de comprimento e oitocentos de largura. Os cavalheiros, finalmente achando a intensidade dos raios muito inconveniente para a reunião por obrigá-los a se amontoar em um dos cantos da sala, semicerraram os olhos do rapaz, e assim todos descobriram que ele era Charles Adams vestindo seu casaco verde e sem nenhuma máscara.

Quando o espanto havia diminuído um pouco, a atenção foi atraída por duas pessoas com fantasia de dominó que avançaram numa fúria terrível; ambos eram muito altos, mas, com exceção disso, pareciam ter muitas boas qualidades.

“Esses”, disse o esperto Charles, “são o sr. e a sra. Jones.” E eram mesmo.

Ninguém podia imaginar quem era a sultana! Até que, quando ela se dirigiu a uma bela Flora que reclinava de forma afetada num sofá, dizendo “Oh, Cecília, eu gostaria de realmente ser o que fingi ser”, Charles Adams, com sua inteligência infalível, descobriu ser a elegante porém ambiciosa Caroline Simpson; e a pessoa a quem ela se dirigira, ele imaginou corretamente ser a adorável, porém afetada, Cecilia.

Os convidados então se aproximaram de uma mesa onde três dominós (cada um com uma garrafa na mão) estavam bastante absortos num jogo; mas uma dama fantasiada de Virtude afastou-se rapidamente daquela cena chocante, enquanto uma mulherzinha gorda representando a Inveja se sentou na testa de cada um dos jogadores. Charles Adams continuava tão brilhante quanto sempre fora; ele logo descobriu que os jogadores eram os três Johnson, que a Inveja era Sukey Simpson e que a Virtude era Lady Williams.

As máscaras então foram todas removidas e os convidados foram para outro cômodo participar de um entre-

tenimento elegante e bem orquestrado, após o qual, com a garrafa sendo passada com bastante celeridade pelos três Johnson, todos, sem exceção nem da Virtude, foram carregados para casa, desmaiados de tanto beber.

CAPÍTULO SEGUNDO

Durante três meses, o baile de máscaras rendeu bastante assunto aos habitantes de Pammydiddle; mas nenhum dos convivas foi tão amplamente discutido quanto Charles Adams. A singularidade de sua aparência, os raios que saíam de seus olhos, o brilho de sua inteligência, o *tout ensemble* de sua aparência subjugaram os corações de tantas entre as jovens que, das seis presentes no baile, apenas cinco haviam saído dele sem estarem cativadas. Alice Johnson foi a infeliz sexta cujo coração não fora capaz de suportar o poder dos encantos do rapaz. Mas, como talvez pareça estranho para meus leitores que tanto valor e excelência quanto os que ele possuía pudesse ter conquistado apenas ela, será necessário informar-lhes que as srtas. Simpson estavam protegidas de seu charme pela ambição, pela inveja e pela autoadmiração.

Tudo o que Caroline mais desejava era um marido nobre; em Sukey, tamanha superioridade podia apenas despertar inveja, não amor; já Cecilia sentia uma afeição tenra demais por si mesma para gostar de qualquer outra pessoa. Quanto a Lady Williams e à sra. Jones, a primeira era sensata demais para se apaixonar por um homem tão mais novo, enquanto a segunda, embora muito alta e muito ardente, amava demais o marido para pensar em tal coisa.

No entanto, apesar de todos os esforços feitos pela srtta. Johnson para descobrir qualquer afeição por ela da parte de Charles Adams, o coração frio e indiferente dele parecia preservar a liberdade inata; polido com todas, mas sem dar preferência a nenhuma, o rapaz ainda era o adorável e alegre, porém insensível, Charles Adams.

Certa tarde, Alice, ao ver-se um pouco tonta de vinho (o que não era muito incomum), decidiu buscar alívio para sua cabeça desordenada e seu coração doente de amor numa conversa com a sábia Lady Williams.

Ela encontrou a dama em casa, como em geral acontecia, pois não gostava de sair; e, como o grande Sir Charles Grandison,⁶ desprezava a ideia de não receber alguém mesmo estando presente, pois considerava o método de expulsar visitantes desagradáveis, que estava em voga, quase tão ruim quanto a bigamia.

Apesar do vinho que bebera, a pobre Alice estava extraordinariamente desanimada; só conseguia pensar em Charles Adams, só conseguia falar nele e, em resumo, expressou-se de maneira tão franca que Lady Williams logo descobriu a afeição não correspondida que a menina sentia e, com muita pena e compaixão, disse-lhe o seguinte.

“Percebo com muita clareza, minha cara srta. Johnson, que seu coração não foi capaz de suportar os fascinantes encantos desse jovem, e eu me apiedei sinceramente. É seu primeiro amor?”

“Sim.”

“Lamento mais ainda ao ouvir *isso*; eu própria sou um triste exemplo das dores que em geral acompanham um primeiro amor e estou determinada a evitar tal infortúnio no futuro. Espero que não seja tarde demais para a senhorita fazer o mesmo; se não for, tente, minha querida, se proteger de tamanho perigo. Um segundo interesse quase nunca traz consequências sérias; contra *isso*, portanto, nada tenho a dizer. Preserve-se de um primeiro amor e não precisará temer o segundo.”

“A senhora mencionou algo sobre ter sofrido o infortúnio que tem a bondade de querer que eu evite. Poderia fazer o favor de contar sua vida e suas aventuras?”

“Com prazer, meu amor.”